

Decifra-me ou me devora!¹

*Aquele que se abandona à paixão
expõe-se precisamente a um risco: o do abandono.
Roland Gori, 2004, p. 30.*

Existe um estreito laço entre o surgimento das paixões e o da palavra e linguagem. Faz dois mil anos que as paixões não são mais tratadas no campo da retórica aristotélica. Aristóteles (332 a.C.) queria decifrar o que movia o homem com suas perguntas sobre o ser e, nesse movimento, faz uma busca sobre a verdade das paixões. Para o grande filósofo, toda paixão é um momento retórico no qual se experimenta a arte de trabalhar as palavras sem excluir a perda real que nesse processo se opera, no qual a verdade escapa ao dito.

É no trabalho de investigação sobre o *pas connu* do que escapa aos ditos que a psicanálise se oferece como ferramenta poderosa a partir da regra fundamental: “fale, é a resposta a dar a um pedido de tratamento”. Com isso, fabrica-se a “ignorância” postulada por Lacan, deduzida da excentricidade do ser em relação à demanda que todo analisando endereça na transferência ao analista: “E, no entanto, se o sujeito se engaja na busca da verdade como tal, é porque ele se situa na dimensão da ignorância – pouco importa que ele o saiba ou não é exatamente a mesma coisa” (LACAN, 1975, p. 306).

No que seria possível crer quando os discursos e as imagens falham e não se prestam mais à função de enigmas a serem decifrados? A regra fundamental da psicanálise vale como um *dizer*, na qual o dispositivo da transferência funciona como um recurso retórico capaz de mostrar ao analisando que a análise dos sintomas se dá pelo deciframento, via significante, por meio da produção do dizer como causa do ser.

Lacan nos adverte, na última parte de *Escritos*, “Variantes do tratamento-padrão”, que o psicanalista deve saber ignorar o que sabe para que a transferência se estabeleça e a análise aconteça. Entretanto, cabe perguntar: como manter o princípio que

¹ Texto apresentado no “Colóquio Internacional de Convergencia, Movimento Lacaniano para a Psicanálise Freudiana: “AMOR, ÓDIO, IGNORÂNCIA: Desafios na direção da cura”, Buenos Aires - Argentina, 31 da maio de 2024. Autores/Membros que representam a ELP-RJ: Filipe L. Leme, Flavia Chiapetta, José Nazar, Nathalia Figueira e Teresa Palazzo Nazar.

está no nascimento da transferência em psicanálise, ou seja, o falar livremente, para que uma análise alcance seu fim a partir da via de uma douta ignorância?²

Em 1973, Lacan inventa o Real a partir de uma declaração de amor: “[...] eu te batizo Real, porque se não existisses, seria necessário inventar-te”. Para Lacan, o Real não é estrangeiro à realidade, mas designa um ponto que escapa à representação imaginário-simbólica. Ele designa a essência da realidade, mas em certa antinomia a ela.

Na contemporaneidade, vivemos uma grande transição. Uma espécie de distopia permanente impõe a existência de sujeitos autônomos, desarticulados de sua própria história; demasiadamente conectados em “redes”, desconectados da própria realidade. O homem contemporâneo está só e desenraizado de suas referências.

Testemunhar a mudança no campo da cultura, da passagem do ser analógico para o digital traz um grande desafio para a práxis psicanalítica, por se tratar do não-saber, isto é, passaríamos do impossível de saber para a promessa de um conhecimento total oferecido pela maquinaria artificial. Seria um drama de certo modo exposto por Lacan em *Radiofonia*. Ali, de que ele nos adverte? O homem porta em si um aparelho virtual marcado por signos que pulsam representações repetidas e criativas.

Lembremos também de Georges Bataille:

Souvenons-nous également de Georges Bataille :

Somos seres descontínuos, indivíduos que morrem isoladamente numa aventura ininteligível, mas temos a nostalgia da continuidade perdida. Suportamos mal a situação que nos prende à individualidade fortuita, à individualidade perecível que somos. Ao mesmo tempo, temos desejo angustiado da duração desse perecível, temos a obsessão de uma continuidade primeira, que nos religa geralmente ao ser (BATAILLE, 1957-2004, p. 39).

A ciência se apoia sobre o princípio de que tudo pode ser abordado como objeto a ser conhecido. Será que também o homem pode aí ser incluído? Descartes entendia a necessidade de abordar a natureza para, em algum momento, tornar-se senhor dela. Quando escreveu o tratado *As paixões da alma*, em 1649, privilegiou a relação corpo vivo e alma para extrair conclusões sobre como o homem poderia usar a inteligência para bem manejar suas paixões. Provavelmente, não incluía o sujeito em si na natureza a conhecer e dominar.

² Segundo o conceito do Cardeal Nicolau de Cusa, um dos primeiros filósofos do humanismo renascentista, autor de *Da douta ignorância*, publicado em 1440, obra que questiona o saber que nasce da ignorância de si.

Se a visão de Aristóteles é teológica, para Descartes, as funções da alma são os pensamentos, os quais podem ser produzidos pela alma (vontade) ou recebidos do exterior (percepções). Dependendo dessas últimas, as paixões resultariam de um mecanismo corporal e involuntário, o chamado “movimento da glândula pineal” que, para ele, seria a junção do corpo e da alma.

Dando um salto para o final do século XIX, Freud, com a descoberta do inconsciente, mostrou que o deciframento dos sintomas era a via simbólica para tratar os efeitos imaginários das paixões. Por não crer em determinismo subjetivo, imputava ao próprio sujeito a razão de seu sintoma; daí a necessidade de que o sujeito falasse para encontrar, nos tropeços das formações do inconsciente, as respostas possíveis ao seu sofrimento. Portanto, ele inventa a psicanálise a partir de dois princípios.

O primeiro leva em conta a ignorância situada do lado do recalque. Neste, o sujeito não sabe que seu sintoma é um saber cujas coordenadas precisam ser decifradas pela interpretação de que o sintoma é, ele próprio, uma interpretação. A ignorância não é idêntica ao não saber. Ao ser revelada, tornar-se um não saber (real) e cessa de ser uma paixão.

O segundo princípio é ético. Trata-se do desejo como o que leva em conta o não-saber do Real. Em “Variantes do tratamento-padrão”, Lacan toma esses dois princípios, sobretudo o ético, e dirá que a psicanálise deve ser incluída nas ciências, as quais avançam no trabalho de elaboração de saber que possibilita algum resto sempre a relançar a busca.

Investigar as questões contemporâneas sobre as paixões implica lembrar que elas não se confundem com a pulsão e com o desejo. Descartes nos ajuda a sustentar a oposição entre corpo e alma no entendimento da formulação lacaniana das paixões do ser. Para Lacan, a palavra “ser” não designa um logos racional, nem a paixão refere-se a algo animalesco. Em os *Seminários I e XX*, encontramos duas abordagens separadas por um bom período de anos, no qual é possível observar a reformulação que ele faz sobre o “ser” e a “paixão”. O ser existe apenas no registro da fala. Ele é real, mas inscreve-se no simbólico como um corte; ele é o próprio interstício, a brecha entre um significante e outro, uma palavra e outra, ele habita os intervalos dessa fala. O ser insiste na linguagem, mas não consiste em nenhum lugar delimitável por ela. Se ele não se revela como verdade, o ser se realiza como corte em uma fala plena.

Vale perguntar: em uma época em que cada vez mais a “inteligência artificial” vem dar respostas prontas a partir de um programa prévio de dados e algoritmos, como

pode a psicanálise sustentar o valor do trabalho de deciframento do sintoma a partir da transferência?

Parafraseando o mito da esfinge de Tebas, poderíamos fazer uma inversão horripilante: “Decifra-me ou me devora”, em que o homem passaria a ser esfinge diante de uma máquina totalmente desprovida de paixão.

Referências

BATAILLE, Georges. *O Erotismo*[1957]. Trad. Cláudia Fares. São Paulo: ARX, 2004.

GORI, Roland. *Lógica das paixões*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

LACAN, Jacques. “Variantes do tratamento-padrão”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. *Le Séminaire de Jacques Lacan, livre I: “Les écrits techniques de Freud”*. Paris: Seuil, 1975.

_____. *O Seminário, XXI: os não tolos erram*. Inédito, 1973.